

Ensaio bibliográfico: Semeando Palavras Contracoloniais

Marciel Rocha da Silva¹

Paulo Brito do Prado²

¹Universidade de Brasília, Planaltina, DF, Brasil.

²Universidade Federal do Piauí, Bom Jesus, PI, Brasil

Resumo

O ensaio bibliográfico apresenta leitura panorâmica e crítica da obra “A Terra dá, a terra quer”, de Antonio Bispo dos Santos, carinhosamente conhecido por Nego Bispo. Quilombola piauiense, poeta, escritor, ativista dos direitos quilombolas e mestre de saberes tradicionais dos povos afropindorâmicos, Bispo escreveu a supracitada obra em estreito relacionamento com a natureza, intencionando defender os saberes afropindorâmicos e o convívio orgânico com todas as formas de vida. Dito desse modo, é central na discussão da obra a epistemologia contracolonial, a formulação de reflexões originadas de saberes, fazeres ancestrais e experiências sociais anticolonialistas e antirracistas.

Palavras-chave: Nego Bispo; Terra; Contracolonial; Piauí.

Bibliographical essay: Sowing Counter-Colonial Words

Abstract

This bibliographical essay presents a panoramic and critical reading of the book *The Earth Gives, the Earth Wants*, by Antonio Bispo dos Santos, affectionately known as Nego Bispo. The quilombola from Piauí, poet, writer, activist for quilombola rights, and master of traditional knowledge of Afro-Brazilian peoples, Bispo wrote the aforementioned book in close relationship with nature, intending to defend Afro-Brazilian knowledge and organic coexistence with all forms of life. Thus, central to the discussion of the book is counter-colonial epistemology, the formulation of reflections originating from ancestral knowledge, practices, and anti-colonialist and anti-racist social experiences.

Keywords: Nego Bispo; Land; Countercolonial; Piauí.

Recebido em: 19/02/2025

Aceito em: 14/07/2025



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Antônio Bispo dos Santos (1959-2023), popularmente conhecido por Nêgo Bispo, foi um quilombola, pensador e intelectual orgânico e que durante sua trajetória lutou contra a colonização e os mecanismos de apagamento do modo de vida dos povos tradicionais, sobretudo aqueles por ele denominados de afropindorâmicos ou afroconfluentes – uma junção de grupos humanos duramente impactados pela colonização e que segundo Bispo se reuniram solidariamente para resistir ao colonialismo euro-cristão.

Nascido em 1959, no Vale do rio Berengas, antigo povoado do Papagaio, hoje município de Francinópolis, no Piauí, Antônio Bispo dos Santos cresceu e se formou entre as mestras e os mestres de ofícios do Quilombo Saco-Curtume, localizado no município de São João do Piauí, em região do semiárido nordestino. Foi o único membro de sua família a receber alfabetização formal, em nível fundamental, e só aceitou inserir-se no mundo das letras coloniais em razão da necessidade de traduzir para a comunidade os contratos escritos, as relações capitalistas/neocolonialistas, as novas regras e as normas de posse da terra.

Influenciado pelo movimento migratório dos anos 1970 e 1980, após completar 18 anos, Bispo viajou para o Rio de Janeiro e viveu entre o bairro de São Cristóvão e as comunidades da Maré e do Alemão. Posteriormente retornou ao Piauí e foi compor a Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí (CECOQ) e a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ). Também foi presidente do Sindicato de Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais de Francinópolis – Piauí e diretor da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado do Piauí (FETAG).

Poeta, escritor, ativista dos direitos quilombolas e mestre de saberes tradicionais dos povos afropindorâmicos, Nêgo Bispo (2015) escreveu importantes obras, como “*Colonização, Quilombos: modos e significados*” e “*A terra dá, a terra quer*” (2023), bem como alguns artigos publicados em jornais do Piauí. Somada à intensa produção escrita, Bispo proferiu inúmeras palestras e ficou amplamente reconhecido por seu gosto pela boa conversa ritmada na oralidade. Suas reflexões se concentraram na denúncia da continuidade da colonização, nos males do capitalismo/eurocentrismo e no desvelamento de uma guerra de denominações inaugurada na modernidade e continuada na contemporaneidade. Pela via de um estreito relacionamento com a natureza, Bispo defendeu os modos de vida quilombola, a valorização dos povos afropindorâmicos e o convívio orgânico com todas as formas de vida.

No curso de sua trajetória compreendeu homem e natureza como compartilhantes em um mesmo lócus e cosmovisão. Segundo ele, estes deveriam estar em interação, ou em uma relação de *biointeração*, conforme preferiu chamar. Seu principal objetivo foi a construção de uma epistemologia e de uma práxis *contracolônizar* e *biointerativa* onde a humanidade devesse entender-se como parte da natureza e por essa razão a protegeria da exploração e da sintetização impostas pelo capitalismo colonialista.

Bispo defendeu uma necessária atitude de respeito com a natureza, com plantas, animais, modos de vida e seus significados. Pela via de seu devir quilombola entendeu que o relacionamento orgânico e biointerativo construído pelos povos afropindorâmicos seria a ferramenta de enfrentamento ao colonialismo euro-cristão e que deveria ser utilizado pelos povos do Sul Global no combate à cosmofofia, a submissão capitalista e ao fim do mundo.

Em “*A terra dá, a terra quer*” (2023), a epistemologia *contracolonial* é o cerne da discussão, das categorias que manipula e dos exemplos expostos. Bispo formulou reflexões a partir de suas experiências, dos saberes-fazeres compartilhados entre diferentes grupos humanos e ancestralidades afropindorâmicas, sempre citando pragmáticas quilombolas de saber-fazer e pensar de forma *contracolonial*, a favor da vida, anticolonialista e antirracista.

O livro foi dividido em títulos diretamente relacionados a sua epistemologia afroconfluyente, orgânica e biointerativa. Entre um título e outro observam-se ilustrações de Santídio Pereira, artista piauiense, originário do município de Isaías Coelho e que tem na xilogravura o principal suporte de seu estudo visual, com interesse voltado para a flora e a fauna da Caatinga, sobretudo os pássaros. Juntos, o texto e as imagens interagem de modo a denunciar os efeitos da colonização e propor resistências aos males inaugurados na modernidade e continuados pelo capitalismo e pelo neoliberalismo globalizado.

No decorrer das páginas, observa-se Nêgo Bispo tecer compreensões a partir da história, de sua trajetória e do seu lugar social de quilombola/camponês para analisar os modos utilizados pelo colonizador na imposição do domínio capitalista sobre povos e territórios do Sul Global. A principal manifestação da dominação colonialista é notada na subjugação e no apagamento dos modos de vida africanos e indígenas, bem como na sobreposição de territórios e denominações coloniais àquelas de origem afropindorâmicas.

A geografia e as denominações coloniais estão ligadas à forma sintética de se relacionar com a natureza – inaugurada na modernidade colonial – e que a transformou em mera matéria-prima (e mercadoria) que alimentou (e alimenta) o sistema de produção capitalista globalizado. Diferentemente da atitude colonizadora de se relacionar com e de perceber a natureza, Bispo defendeu uma interação homem/natureza que viesse a promover o bem-estar dos povos e do meio ambiente. Ele revelou a existência de uma guerra de denominações e significados ao comentar sobre os novos sentidos atribuídos a Pindorama e aos povos afropindorâmicos. Nomes, como América, não eram meras mudanças de denominações, mas estratégias de alienação, com a intencionalidade de exercer domínio.

Diante das guerras de denominações e da resistência contracolonial, Bispo partiu da observação das formas de comportamento da natureza, das plantas e bichos para transformar suas ações e suas vivências em uma práxis representada por um modo de vida biointerativo e simbiótico, onde homem e natureza se encontrariam em constante comunicação, ao ponto de se confundirem, de se fundirem e formarem um ecúmeno. Para Bispo esse modo de vida biointerativo se apresentava como uma possibilidade nos quilombos, entre os povos indígenas, das águas, comunidades e dos grupos tradicionais.

Na defesa de uma relação simbiótica entre homem e natureza, ele criticou a colonização, entendendo-a como ação de domínio e de adestramento, com consequências perversas para aqueles que por ela foram subjugados. Segundo apontou, adestrador e colonizador, teriam a mesma pretensão: desterritorializar, tirar a identidade, renomear, matar cosmologias, afastar o sagrado originário, recompor brutalmente novas memórias e romper relações ancestrais entre a humanidade, a natureza, as plantas e os animais.

Foi a partir dessa e de outras analogias que Bispo alcançou a necessidade de semear novas palavras para evidenciar grupos que, em grande medida, não foram adestrados pela colonização europeia e permaneceram resistentes à colonização, inclusive denunciando os seus males. Isso se manifestou principalmente nos territórios quilombolas e nos modos de vida biointerativos, baseados em relacionamentos dialógicos entre o humano e a natureza.

O quilombola piauiense apontou ser preciso negar as denominações e os conceitos originados no vocabulário colonial sincronicamente à construção de novas denominações contracoloniais. Era preciso subverter a dominação em uma arte da defesa contracolonial e biointerativa. Logo, seria importante tomar desenvolvimento sustentável por biointeração, coincidência por confluência, saber sintético por saber orgânico, dinheiro ou a troca por compartilhamento. Por esse raciocínio observa-se um confronto de denominações como representativo da práxis contracolonial. Seria importante que o inimigo – o colonizador eurocentrado – não compreendesse a língua biointerativa dos povos quilombolas para que não pudesse notar as estratégias de luta dos povos das águas, das florestas, do campo e das comunidades urbanas, vulgarmente chamadas de favelas.

Para Nêgo Bispo, as cidades reduzem-se a espaços em que cabiam apenas seres humanizados. As cidades, ao contrário dos quilombos, da terra, da floresta, não permitiam que outros seres vivos coexistissem com os humanos – as plantas e os animais. As cidades são espaços totalmente artificializados e arquitetados para os *humanizados*, são o resultado do processo colonizador e da estratégia colonialista de distanciar o homem da natureza, de fabricar medo e repulsa do humano para com a natureza, os animais e as plantas.

As cidades são espaços onde não se planta, mas se compra. O ovo não vem da galinha, mas de caixas de papelão. Os alimentos não são produzidos coletivamente por pessoas, animais e plantas, mas sintetizados por máquinas e monitorados por agências de controle de qualidade, da vida e do devir. As cidades são onde as pessoas se submetem a um único modo de vida que impede a interação com outras possibilidades de vida a exemplo daquelas representadas por Bispo a partir da farinhada, da coleta de frutos e da domesticação biointerativa dos animais. A cidade e a sua arquitetura negam a biointeração e quebram formas de reprodução da vida possíveis de garantir a sua continuidade. As cidades são lugares da *cosmofobia*, do amedrontamento e da insegurança.

Bispo caracterizou a cosmofobia como um medo introjetado pelo colonizador contra tudo aquilo que é originário dos grupos biointerativos, os mesmos que se desejou dominar desde o primeiro contato inaugurado nas grandes navegações. A cosmofobia é fruto da visão monoteísta, ou o mito doutrinador cristão, aquela narrativa que tirou o homem do paraíso em função do pecado original, impondo-lhe o castigo da desconexão com a natureza.

Embora o pensador quilombola reconheça que na cidade nem todas as pessoas são colonialistas, compreende que todas as cidades são estruturadas a partir da cosmofobia e do pensamento monista. Ao contrário do que ocorre nos quilombos, nas cidades as pessoas não pisam na terra, não convivem com plantas e animais, não constroem suas casas ou mesmo relacionamentos socioambientais com o lugar em que escolheram viver. Nas cidades, as ruas, praças e casas se fecham para a pluralidade da vida e se entregam à rapidez do trabalho, ao calor do asfalto, ao atropelo dos carros, ao barulho da turbina dos aviões e à insistente necessidade de se produzir cada vez mais energia.

Nas cidades o humano, apesar de ser criatura, encontra-se desconectado da natureza criadora. O humano pretende se tornar criador e artificializou tudo aquilo que consome. A natureza foi reduzida a matéria-prima e a pluralidade da vida em suporte para uma sobrevivência precária. Bispo caracterizou os colonialistas urbanos como humanistas, enquanto entendeu os povos afropindorâmicos como contracolonialistas, diversos e comunitários. Todavia o autor não desejou o enfrentamento dos humanistas, mas a existência de diálogo e de respeito. O diálogo, nesse sentido, lhe apresentou como um importante caminho para a construção de formas e visões de mundo que não sejam baseadas apenas no eurocentrismo, na unicidade, na cosmofofia e no colonialismo globalizado.

Em suas últimas palavras e reflexões, Nêgo Bispo destacou como o colonialismo interferiu nos modos de vida biointerativos de povos quilombolas e indígenas, sobretudo pela via do agronegócio e de suas formas mecanizadas de relacionar-se com a natureza. Bispo contrapôs o agronegócio com as formas de produção alimentar dos quilombos para evidenciar estratégias de dominação diretamente interessadas no manejo da vida a favor do capital e da colonialidade. Segundo Bispo, várias frutas da caatinga foram substituídas por aquelas adaptadas ao modo de produção agroindustrial.

O umbu foi substituído pela uva e a banana roxa pela banana prata. As formas de produção dos alimentos e os relacionamentos com as plantas e animais se diferenciaram entre o quilombo e a grande propriedade. Esse último seria um verdadeiro campo aberto ao capital insaciável e o segundo a via alternativa, um caminho contrário ao fim do mundo.

Bispo explicou que na lógica do colonizador euro-cristão, cerca-se o pasto e se criam animais confinados. Já o modo tradicional, praticado nos quilombos, observa-se a criação de animais livres. Em Nêgo Bispo apresenta-se a reflexão de que o agronegócio é onde se uniformiza o rebanho e se busca o maior volume na produção de grãos, mediante o interesse de vender a despeito de alimentar. Bispo mostrou como nessa lógica sempre imperou a fome em detrimento da abastança, ao passo que na lógica biointerativa se experimentou a vida sustentável em um diálogo orgânico entre plantas, animais e pessoas.

Na obra resenhada Bispo apresentou os desafios impostos pela colonização e sugeriu uma série de alternativas para que modos de vida biointerativos sobrevivam à insaciável fome capitalista. Além de escrever em uma linguagem própria da educação popular, aspecto que facilitou o entendimento das suas reflexões por um público leitor bastante ampliado, o autor não se prendeu ao mundo das ideias, teorias e tautologias, como ocorre na universidade. Esse é um dos pontos fortes da obra, principalmente pelo que propõe a fazer: construir novas formas de se viver no mundo e que sejam sustentáveis.

Nêgo Bispo mostrou a partir de seu modo de vida quilombola e das críticas à colonização a importância da defesa dos seus próprios conceitos e termos. Além de não aceitar terminologias cunhadas pelos colonizadores e categorias que apagavam traços cosmológicos dos povos originários, também ensinou a utilizar as engrenagens coloniais para subverter a colonização. Ele fez isso quando aprendeu a ler e escrever. Foi a partir desse aprendizado que pôde traduzir saberes práticos e compartilhá-los com mais pessoas.

Alicerçado nas experiências dos povos ancestrais, Bispo afirmou ser possível construir um modo de vida que respeitasse a natureza e assegurasse o bem-viver. Embora não tenha discutido as mudanças climáticas de forma direta, ficou nas entrelinhas, pela via da crítica a cosmofofia e a colonização, bem como na defesa de práticas biointerativas e anticapitalistas muito comuns à vida quilombola, indígena e campesina.

Nêgo Bispo destacou que no Quilombo se pesca no rio apenas o necessário porque se confia no rio. O quilombola não tem medo do rio, sabe que o rio vai dar peixe sempre. O mesmo ocorre na coleta de frutos. Colhem-se apenas os frutos necessários para o consumo diário porque esse povo, em estado de biointeração com a planta, sabe que vai haver fruto amanhã. A biointeração, ou a ciência dos povos afroconfluentes, ensinou que quando não for certo fruto, vai ser outro. Quando não for umbu, vai ser juá, vai ser carnaúba. Sempre serão “coisas da Caatinga que alimentam os humanos e os não humanos”.

Embora existam coisas na Caatinga que não são consumidas pelos humanos, os não humanos consomem e depois compartilham com os humanos. Todavia é preciso acreditar na Caatinga e combater toda e qualquer forma de relacionamento com a natureza que ameace esse equilíbrio. Afinal só precisa armazenar quem não confia, quem tem medo da natureza, medo de ela castigar como gostam de sugerir o engenheiro agrônomo, a Universidade, os jornais, os repórteres ou os políticos que optam por explorar a seca como ferramenta de pânico. Dito de tal maneira recomendamos a leitura da obra de Nêgo Bispo como uma forma de resistir à colonização e ao capitalismo. Bispo ensinou contracolonizar.

Referências

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora Piseagrama, 2023. 112p.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. Brasília, DF: Editora da UnB, 2015. 149p.

Marciel Rocha da Silva

Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, com especialização em Ciências Sociais e graduação em Educação do Campo. Pesquisador das dinâmicas territoriais, tecnologias sociais e processos de subjetivação. Atualmente, investiga as relações entre gênero, sexualidade e o direito à permanência na terra.

Universidade de Brasília, Planaltina, Distrito Federal, Brasil

E-mail: marcielllicenciatura2016@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2094-5517>

Paulo Brito do Prado

Originário dos povos do campo, das águas e florestas, lá dos interiores de Goiás, sou “caboclo da roça”, cria da escola pública, do SUS e das vacinas. Sou homem gay, afeminado, ativista dos direitos humanos e LGBTs, da história e da memória LGBT, dos direitos das mulheres, seus filhos e de grupos vulnerabilizados. Sou professor da Licenciatura em Educação do Campo (UFPI-CPCE), doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG-GO/2022) e doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF-RJ/2019). Pesquisa temas relativos a História do Brasil Colonial/Republicano, África, Ensino de História e suas interfaces com gênero e relações étnico-raciais, classe, geração e região.

Universidade Federal do Piauí, CPCE, Bom Jesus, Piauí, Brasil

E-mail: paulobritogo@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1932-3902>

Como referenciar este ensaio:

SILVA, Marciel Rocha da; PRADO, Paulo Brito do. Ensaio bibliográfico: Semeando Palavras Contracoloniais. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 27, n. 3, e105362, p. 178-183, setembro de 2025.